

Pelos bastidores da Comissão Rondon: Francisco Jaguaribe de Mattos e a Carta de Mato Grosso (1910-1952)

Detrás de escena de la Comisión Rondon: Francisco Jaguaribe de Mattos y la Carta de Mato Grosso (1910-1952)

Maria Gabriela Bernardino¹
Moema Vergara²

RESUMO: Quando se pensa na Comissão Rondon, é sabido que inúmeras pessoas, além do “famoso marechal”, foram responsáveis pelos feitos daquela empreitada. No entanto, quem são esses indivíduos, além de Cândido Mariano? O objetivo desta pesquisa é investigar a biografia de Francisco Jaguaribe de Mattos (1881-1974), um cartógrafo pouco conhecido pelo público em geral. Jaguaribe foi o chefe da Seção de Cartografia da Comissão Rondon e uma figura significativa para a geografia no Brasil. Mesmo com a ausência de diários, correspondências ou cadernetas de campo, foi possível traçar sua trajetória por meio da análise de relatórios, periódicos e conversas com seus familiares. Compreender a história da confecção de seu principal produto – a Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas (1952) – como uma representação material de seu legado para a cartografia no Brasil, assim como entender que, ao narrar o processo de produção do mapa, também se conta a história de vida de Francisco Jaguaribe de Mattos de forma indissociável, permite perceber a dimensão de sua contribuição para a geografia brasileira na primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Jaguaribe. Carta de Mato Grosso. Geógrafos brasileiros. Comissão Rondon.

RESUMEN: Cuando se piensa en la Comisión Rondon, es sabido que muchas personas, además del “famoso mariscal”, fueron responsables de los logros de esa empresa. Sin embargo, ¿quiénes son esos individuos, además de Cándido Mariano? El objetivo de esta investigación es explorar la biografía de Francisco Jaguaribe de Mattos (1881-1974), el cartógrafo poco conocido por el público en general. Jaguaribe fue el jefe de la Sección de Cartografía de la Comisión Rondon y un nombre significativo para la geografía en Brasil. A

¹ Possui graduação em História (2010), mestrado (2013) e doutorado (2020) em História das Ciências - Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, graduada em História (2010). Pesquisadora bolsista PCI- CNPq Museu de Astronomia e Ciências Afins. E-mail: mgabernardino@gmail.com

² Possui graduação em história pela Universidade Federal Fluminense (1993), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1997) e doutorado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003). É professora do PPGEFHC da Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana e professor do quadro permanente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora titular - Museu de Astronomia e Ciências Afins. Museu de Astronomia e Ciências Afins. E-mail: moema@mast.br



pesar de la ausencia de diarios, correspondencias o cuadernos de campo, fue posible trazar su trayectoria a través del análisis de informes, publicaciones periódicas y conversaciones con sus familiares. Entender la historia de la confección de su principal producto – la Carta de Mato Grosso y Regiones Circundantes – como representación material de su legado para la cartografía en Brasil, así como comprender que al contar el proceso de producción del mapa, también se cuenta la historia de vida de Francisco Jaguaribe de Mattos de manera inseparable, permite apreciar la dimensión de su contribución a la geografía brasileña en la primera mitad del siglo XX.

PALAVRAS CLAVE: Francisco Jaguaribe. Carta de Mato Grosso. Geógrafos brasileños. Comisión Rondon

INTRODUÇÃO

Podemos afirmar que a Comissão Rondon é uma iniciativa conhecida no cenário brasileiro, assim como as suas principais atribuições: instalação telegráfica, esforços de integração territorial, produção de conhecimento e contato com populações indígenas. Contudo, o nome que ganhou visibilidade nesse processo foi essencialmente a figura de Marechal Cândido Rondon (1865-1958). Muitos colaboradores, embora fundamentais para os resultados obtidos, permaneceram à margem das narrativas históricas. Este artigo propõe-se a lançar luz sobre um desses personagens pouco lembrados: Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos (1881-1974), o cartógrafo que esteve à frente da elaboração da Carta de Mato Grosso, publicada em 1952 e considerada a última produção das inúmeras iniciativas encabeçadas por Rondon.

Ao longo de quase meio século de dedicação à Comissão Rondon, Jaguaribe contribuiu significativamente para o desenvolvimento da cartografia no Brasil. Apesar de seu protagonismo técnico, sua trajetória raramente é destacada nas análises sobre a Comissão ou sobre os processos de territorialização e representação cartográfica no país. A escassez de fontes pessoais e a ausência de uma construção pública de memória sobre sua atuação ajudam a explicar o apagamento de sua figura. Mesmo assim, documentos oficiais, reportagens de época, registros institucionais e depoimentos familiares nos permitiram reconstruir sua trajetória e entender a dimensão de seu legado.

A partir do estudo da vida e da obra de Jaguaribe, especialmente sua atuação no Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso, é possível não apenas recuperar a relevância de sua contribuição individual, mas também problematizar a forma como se constrói a memória das grandes iniciativas científicas e técnicas no Brasil. Compreender os bastidores da produção cartográfica permite acessar camadas mais complexas dos processos históricos, revelando o entrelaçamento entre ciência, política e representação do território.

Este trabalho parte da análise biográfica para refletir sobre o papel dos sujeitos que, embora fora dos holofotes, foram agentes ativos na construção de saberes geográficos e na materialização de projetos nacionais. Ao tornar visível a trajetória de Jaguaribe, pretende-se contribuir para uma leitura mais ampla e plural da Comissão Rondon, reconhecendo a multiplicidade de vozes que participaram dessa empreitada e reavaliando os critérios que definem quem é lembrado ou esquecido nas narrativas históricas. Ao trazer à tona a biografia

de Jaguaribe, buscamos não apenas resgatar a memória de um importante geógrafo, mas também refletir sobre os mecanismos de construção da memória e do apagamento no campo científico nacional.

O FAZER BIOGRÁFICO

Francisco Jaguaribe de Mattos levou uma vida dedicada a trabalhos com objetivo integrar o território brasileiro. Passou quase 50 anos (1910-1958) participando de projetos encabeçados por Cândido Mariano da Silva Rondon³, voltados para atividades relacionadas à Geografia (Bernardino, 2020).

Durante esta pesquisa, encontramos algumas manchetes de jornal que se referiam a Jaguaribe da seguinte forma: “Ex-auxiliar de Rondon revive-o nas virtudes” (*Diário de Notícias*, 8 de agosto de 1965), “Homenagem a colaborador do Marechal Rondon” (*Correio do Páiz*, 25 de agosto de 1971), “Alemanha dá medalha a General de 90 anos que acompanhou Rondon” (*Diário de Notícias*, 22 de agosto de 1971), “Um Brasil que só Rondon e sua gente conhece” (*Diário Carioca*, 11 de novembro de 1952), “Como vive o braço direito de Rondon?” (*O Estado de Mato Grosso*, 23 de setembro de 1971) ou ainda em uma celebração dos “90º aniversário do grande colaborador de Marechal Rondon”⁴. Os títulos das notícias indicam o quanto esse indivíduo esteve à sombra de Rondon. Assim, podemos ver em Jaguaribe um personagem que, ao longo do tempo, foi sendo apagado da memória coletiva.

Dentre outras possibilidades, a importância dos estudos bibliográficos está na luta contra o esquecimento. Este retorno à biografia ocorreu a partir da década de 1970, quando a preocupação de historiadores com o “indivíduo” voltou a ocupar um lugar central nas discussões, rompendo com a ideia de que seria um gênero destinado a contar a vida dos “grandes homens” (Loriga, 2003, p. 226). Na obra *O desafio biográfico*, François Dosse (2009) aponta que a grande transformação seria a mudança na escolha dos sujeitos biografados. Nesse sentido, estudar a vida do cartógrafo da Comissão Rondon, que vivia fora dos holofotes, nos auxiliaria não apenas na compreensão desse personagem, mas também na história da geografia do Brasil.

³ Rondon foi um militar, sertanista e patrono das Comunicações no Brasil, conhecido principalmente por suas expedições telegráficas e científicas no início do século XX, no interior dos sertões do noroeste do país.

⁴ Documento encontrado no Arquivo Pessoal da família Jaguaribe, sem data.

Em meados de 2015, o documentário *Encontro com Philip Roth - Biografia de uma Obra* sobre o escritor norte-americano Philip Roth (1933-2018) chamou nossa atenção, quando o escritor tcheco Milan Kundera (1929-2023) afirmou que a única forma possível de contar a história de Roth seria através de uma biografia de sua obra. Ora, biografias são de pessoas; as obras sofrem exegese. A frase foi perfeita, pois, na falta de informações biográficas, é frequente o historiador recorrer às obras de seu personagem para preencher as lacunas dos arquivos.

Contudo, fazer biografias pode gerar uma romantização dos biografados. Dessa forma, o antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1994) nos alerta contra o perigo de ver nas ações individuais algo extraordinário sem a devida análise do contexto histórico. O biógrafo precisa perceber o que é singular ao indivíduo, ao mesmo tempo em que o analisa socialmente (Velho, 1994, p. 49).

Em diálogo direto com essa pesquisa, ressaltamos que a trajetória de Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos foi construída principalmente por meio dos projetos dos quais ele participou. A partir disso, é possível apresentar particularidades sobre o biografado, além de identificar outras questões, como, por exemplo, os ideais de Brasil inseridos naquelas iniciativas em determinada época.

Uma das angústias ao construir a narrativa biográfica do personagem, baseada em documentos e relatos, era a incoerência em determinadas atitudes ou traços de sua personalidade. Buscar uma linearidade não foi possível porque, talvez, isso não exista ao se contar a história de um ser humano. O sociólogo Pierre Bourdieu (2006) nos adverte sobre as contradições do ser humano, e tentar impor coerência na narrativa biográfica pode criar um sentido artificial.

Giovanni Levi (2006, p. 174) criou uma tipologia acerca das biografias, mas não conseguimos enquadrar a trajetória de Jaguaribe em um único tipo. Baseando-nos em tais modelos, podemos sustentar que em algumas iniciativas o personagem apareceu como fruto de uma “biografia modal” (Levi, 2006, p. 174), quando seu comportamento e suas escolhas refletiram o estilo de um meio social, como no caso de sua experiência na Sociedade Vegetariana Brasileira. Também houve situações em que o “contexto” (Levi, 2006, p. 175) foi fundamental para a compreensão das escolhas do biografado, tal como sua experiência com a produção da Carta de Mato Grosso, por exemplo.

MUITO PRAZER, FRANCISCO JAGUARIBE: FAMÍLIA E FORMAÇÃO⁵

Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos nasceu no Rio de Janeiro (embora se considerasse cearense) em 21 de agosto de 1881. Seu pai, João Paulo Gomes de Mattos, nascido no Ceará em 1842, foi desembargador e vice-presidente de província, além de ter se destacado como educador, escritor e abolicionista. Sua mãe, Joana de Alencar Jaguaribe Gomes de Mattos, nascida no mesmo estado em 1852, pertencia ao tronco da família Alencar do Ceará. Ela era prima do importante escritor brasileiro José de Alencar (1829-1887), expoente do romantismo no século XIX. Joana era filha de Domingos José Nogueira Jaguaribe e Clodes Alexandrina Santiago de Alencar (este último nome foi dado por Jaguaribe à sua filha mais velha).

Domingos José Nogueira Jaguaribe, conhecido como Visconde de Jaguaribe (1820-1890), avô materno de Francisco Jaguaribe, foi deputado provincial, auditor de Guerra do Exército na Guerra do Paraguai⁶ (1864-1870), senador, Ministro da Guerra e coautor da Lei do Ventre Livre, além de Conselheiro do Imperador Dom Pedro II (1825-1891).

Diante deste contexto, faz sentido utilizar o conceito de capital cultural qualificado por Bourdieu (2007, p. 27) para relacionar as origens familiares de Francisco Jaguaribe com sua trajetória. Independentemente de sua instrução formal, o cartógrafo trazia consigo uma “bagagem” oriunda de sua classe social, que certamente foi determinante em sua história.

Francisco Jaguaribe iniciou seus estudos no Ceará e, em 1892, aos 11 anos, foi matriculado no Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso em 1900. Na ocasião, recebeu o diploma de agrimensor e a medalha Visconde de Inhaúma por ser um dos melhores alunos de sua turma.

Nos tempos do Colégio Militar, destacou-se nas aulas de desenho e música, chegando a ser mestre da banda de alunos. Quando o professor de música adoeceu, Jaguaribe o substituiu nas aulas e nas funções administrativas, providenciando a reparação de

⁵ Os dados sobre a família e a formação de Francisco Jaguaribe foram extraídos do documento “Curriculum Vitae do General de Brigada Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos”. Ver: MATTOS, Francisco Jaguaribe Gomes de. Curriculum Vitae do General de Brigada Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos. In: Processo nº 1939 de 1963. Projeto de resolução n.º 46 de 27-5-63: concede o título de Cidadão Paulistano ao General Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, e dá outras providências [Em linha]. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo - Seção de Protocolo, 1963. Disponível em: <http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1963/00/00/0D/BH/00000DBHS.PDF>. Acesso em: 20 jun. 2015.

⁶ O maior conflito armado da América do Sul envolveu Brasil, Uruguai e Argentina (Tríplice Aliança) contra o Paraguai, que pretendia anexar territórios do Brasil e da Argentina.

instrumentos com defeito, compra de material, entre outras tarefas. Ao fim de sua estadia, deixou uma composição própria no arquivo da banda de música, e a administração do colégio lhe ofereceu uma placa de prata com dedicatória.

Em 1901, Jaguaribe ingressou na então Escola Militar do Brasil. Durante o Curso Geral (ou das Três Armas) contraiu beribéri⁷, o que dificultou seu desempenho. Mesmo assim, concluiu o curso em 1904, embora não tenha sido promovido a alferes-aluno. Dessa forma, ficou à espera de uma promoção para oficial, servindo como sargento de curso. Foi então convocado pelo Estado-Maior do Exército para auxiliar na produção de uma carta de fronteira entre o Brasil e o Peru, sob o comando do General Medeiros. Seu bom desempenho nesse trabalho levou a novas convocações para outros projetos técnicos geográficos. Em seguida, ingressou no quadro de auxiliares do Estado- Maior do Exército, 3^a Seção (responsável por cartas, projetos, etc.), onde, entre outras atividades, participou do levantamento do itinerário de Santa Cruz, Itaguaí, Mangaratiba e Angra dos Reis, executando os desenhos. Entre seus trabalhos na primeira década do século XX, destaca-se também sua participação no Atlas de Barão Homem de Mello, publicado em 1909.

A presença de Jaguaribe em congressos científicos foi uma constante em sua trajetória. No início de sua carreira, participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em setembro de 1909 na cidade do Rio de Janeiro (*A Imprensa*, 10 de agosto de 1909). Mais tarde, em maio de 1914, apresentou o trabalho “História do Rio Paraguai” no Primeiro Congresso de História Nacional (*Jornal do Comércio*, 8 de maio de 1914).

Contudo, a vida de Francisco Jaguaribe não se resumiu apenas aos estudos. A década de 1920 marcou um divisor de águas em sua vida pessoal. Em 25 de fevereiro de 1922, o cartógrafo casou-se com a portuguesa Francelina de Oliveira Santos (1894-1980)⁸. O romance começou quando Celeste Jaguaribe (1873-1938)⁹ apresentou sua aluna de canto ao seu irmão Francisco. O casal “Frank e Lina” (apelidos carinhosos registrados em algumas fotografias e também utilizados pelos netos ao se referirem a eles) teve dois filhos: Helio

⁷ Beribéri é uma doença séria que causa fraqueza muscular e problemas gastrointestinais, devido à falta de ingestão de vitamina B1 e a uma dieta baseada em carboidratos simples, além do consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

⁸ Francelina de Oliveira Santos pertencia à tradicional família portuguesa Oliveira Santos, produtores de vinho do Porto em Vila Nova de Gaia, Portugal.

⁹ Celeste Jaguaribe foi compositora, poeta, cantora e professora do Instituto Nacional de Música, sendo considerada a primeira maestrina do Brasil.

Jaguaribe Gomes de Mattos (1923-2018)¹⁰ e Maria Clodes Jaguaribe Gomes de Mattos (1928-2015)¹¹, sendo que Maria Clodes nasceu durante a estadia da família em Paris.

Durante os anos de 2015 e 2016, contamos com a documentação pessoal e apoio da família Jaguaribe. Mesmo debilitado pela idade, o filho Helio ainda nos deu suporte e total liberdade em relação ao acervo da família, que se resumia a uma caixa de papelão de tamanho médio.

O SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO GROSSO

A Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas – CLTEMTA (1907-1915)¹² é conhecida como uma tentativa republicana de integração dos “sertões do noroeste” ao “Brasil civilizado”, uma vez que não existiam caminhos terrestres que ligassem as regiões futuramente exploradas ao Rio de Janeiro, então capital federal. Esse projeto não serviu apenas à instalação dos telégrafos pelo noroeste do Brasil; seus objetivos eram múltiplos: geográficos, médicos, botânicos, zoológicos, entre outros (Sá; Sá; Lima, 2008). Em 1910, Francisco Jaguaribe ingressou na comissão, exercendo o cargo de chefe da Sessão de Desenho, situada no Escritório Central da Comissão, no Rio de Janeiro.

Com o encerramento das atividades da Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas em 1915, principalmente no que se refere à questão telegráfica, verificou-se, por meio das correspondências, que a comissão enfrentava uma crise financeira. Os membros suplicavam por auxílio econômico e pela validação da importância científica da CLTEMTA. Com o cancelamento de financiamentos, a continuidade dos projetos liderados por Rondon tornou-se difícil.

¹⁰ Hélio Jaguaribe foi advogado, cientista político e sociólogo. Destacado intelectual, ocupou a cadeira 11 na Academia Brasileira de Letras e foi autor de uma extensa obra literária. Para saber mais, ver: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/helio_jaguaribe. Acesso em: 15 out. 2023.

¹¹ Maria Clodes Jaguaribe foi uma pianista clássica com reconhecimento internacional, tendo realizado apresentações e recebido prêmios na Europa e nos Estados Unidos. Além disso, foi professora de música na Universidade de Boston. Para saber mais, ver: <https://www.legacy.com/obituaries/bostonglobe/obituary.aspx?n=maria-clodesjaguaribe&pid=176857433>. Acesso em: 15 out. 2023.

¹² É bastante comum referir-se ao conjunto de iniciativas lideradas, ou que contaram com a participação de Cândido Mariano Rondon, como “Comissão Rondon”. Isso acontece de forma abrangente, seja para se referir a todas essas iniciativas, seja, até mesmo, como sinônimo de uma única empreitada envolvendo o Patrono das Comunicações.

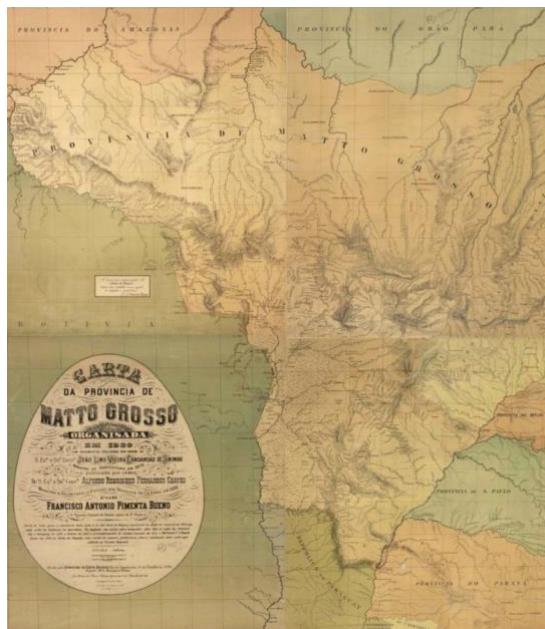
No entanto, em 1917, foi criado o Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso (SCCMT), que pode ser entendido como um desdobramento da CLTEMTA. Seu principal objetivo era produzir um mapa do estado de Mato Grosso a partir do material cartográfico coletado pela Comissão Rondon, sendo Francisco Jaguaribe o principal responsável pela tarefa.

É fundamental destacar que naquela época, o estado de Mato Grosso possuía um território de 1.231.549 km², o que correspondia a um quinto do território do Brasil. A área abrangia o atual estado de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte de Rondônia, além de fazer fronteira com a Bolívia e o Paraguai. A região era de difícil acesso e possuía uma grande população indígena (Jaguaribe; Bernardino, 2019, p. 318).

O processo de produção da carta do estado de Mato Grosso durou quase quatro décadas e contou, durante todo esse tempo, com a dedicação de Francisco Jaguaribe. Aliás, durante a pesquisa, pareceu-nos que o Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso é uma extensão do cartógrafo. A elaboração do mapa só esteve em atividade sob a condição da presença de Jaguaribe em seu gabinete. Dessa forma, entendemos que a história da elaboração da carta é indissociável da trajetória de Francisco Jaguaribe.

Desde o ingresso de Francisco Jaguaribe na Comissão Rondon, já existia a ideia de produzir uma carta geográfica de Mato Grosso, a partir de uma compilação com os dados extraídos das expedições que eram entregues no Escritório da Comissão Rondon, no Rio de Janeiro. Outra indicação era que a carta teria por base o mapa de Pimenta Bueno (Figura 1), ainda do final século XIX, considerado por Jaguaribe o melhor mapa do estado até então. O objetivo era corrigir erros e acrescentar informações, principalmente no que tange a questão hidrográfica.

Figura 1 – Carta da Província de Mato Grosso, organizada em 1880 por Antônio Pimenta Bueno.



Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/27464>.
Acesso em: 14 set. 2023.

No início de 1917, o então governador de Mato Grosso, Caetano Manuel de Faria e Albuquerque (1857-1925), que administrou o estado entre 1915 e 1917, encomendou a Rondon uma carta. Àquela altura, era tudo que a cartografia desenvolvida pela comissão necessitava. A ideia de confeccionar de uma carta geográfica era antiga, mas até então não havia nenhum tipo de financiamento. Portanto, a produção do mapa não existia formalmente. Nessas condições, conseguir o patrocínio do próprio estado seria uma excelente forma de efetivar essa elaboração. Mediante o pedido do governante local, Francisco Jaguaribe foi convocado por Rondon para assumir a chefia da missão que viria a ser conhecida como Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso.

Embora o governador Caetano Manuel Faria de Albuquerque tenha feito a encomenda a Rondon, seu sucessor, o bispo Dom Aquino Correa¹³ (1885-1956), que esteve à frente do estado entre 1918 e 1922, foi o representante de Mato Grosso que acompanhou o desenvolvimento do projeto da carta geográfica no período.

Por esse motivo, Dom Aquino Correa esteve envolvido no projeto da carta geográfica. Ao se analisar a circunstância que Mato Grosso atravessava, torna-se evidente que a encomenda do mapa estava relacionada a um contexto muito mais amplo.

¹³ Segundo Elias Bigio, Rondon foi publicamente contra a candidatura de Dom Aquino ao governo de Mato Grosso. Os dois tinham diferenças ideológicas, principalmente no que se refere ao Positivismo e ao Catolicismo. Esses embates podem ser observados nos periódicos mato-grossenses *A Cruz* e *O Republicano* (Bigio, 2003).

Mato Grosso passava por um grande esforço para tentar romper, apropriando-se do termo cunhado por Lylia da Silva Galetti (1995, p. 50), “o estigma da barbárie”, e construir sua identidade regional. Para a autora, as visões pessimistas e disseminadas sobre aquele território derivavam das teorias raciais da época, em que os elementos indígenas e de origem africana eram considerados inferiores.

Almejando o progresso, palavra tida como a “ordem do dia” durante a Primeira República no Brasil, Mato Grosso precisava mudar sua imagem e se apresentar como um local “civilizado”, a fim de atrair povoamento (preferencialmente de origem europeia), investidores e uma boa representação nacional.

Também é muito significativo lembrar que a parte sul do estado era considerada mais desenvolvida que a norte, sendo monopolizada pela Empresa Mate Laranjeira e Cia., que ocupava uma área extensa e empregava milhares de trabalhadores. Vale destacar que, por muito tempo, a exportação da erva-mate foi a atividade de maior peso na balança comercial de Mato Grosso (Galetti, 2012, p. 313). Além disso, um fator decisivo foi a construção da Ferrovia Noroeste do Brasil, que tornou possível a circulação de comunicações e mercadorias entre o sul de Mato Grosso e as regiões consideradas mais desenvolvidas, especialmente São Paulo (Bianchini, 2000; Galetti, 1995).

Em 1919, algumas correspondências de Dom Aquino sobre a carta geográfica destacam o financiamento de Mato Grosso e, principalmente, questões relacionadas à data de entrega (Arquivo do Museu do Índio – FUNAI, Microfilme 328). Sobre isso, tivemos a impressão que o bispo pouco se importava com o conteúdo do mapa; o importante era a exibição da carta geográfica no ano do bicentenário de Cuiabá como símbolo de progresso.

Contudo, a carta geográfica não ficou pronta na data esperada. Por isso, como parte dos festejos relacionados, em 14 de dezembro de 1919, ocorreu a “Exposição Retrospectiva da Cartografia Mato-Grossense e Demonstrativa dos trabalhos da Comissão Rondon”. O evento aconteceu no Liceu Cuiabano e contou com a presença de Dom Aquino, Henrique Florence, então secretário da Agricultura, autoridades federais e estaduais, além de Rondon e Francisco Jaguaribe (Mattos, s/d).

Como já foi mencionado, Jaguaribe era um cartógrafo de gabinete e não se aventurava pelas florestas, como se poderia imaginar ao se tratar da Comissão Rondon. O documento “A Comissão Rondon nas Festas Comemorativas do Bicentenário de Cuiabá” aborda, especialmente, a Exposição Cartográfica e o discurso de Jaguaribe, no qual ele admite que, até então, nunca havia estado em Mato Grosso. Foi a partir dessa declaração que a

postura de trabalho de Jaguaribe (apenas no gabinete) deixou de ser uma hipótese para nós e passou a ser uma certeza, após horas em vão procurando por seu caderno de campo.

(...) confesso que, aliviando o peso de minha fatigante responsabilidade, tive sempre diante dos olhos a miragem da terra mato-grossense que eu nunca viera e sempre aspirara ver. Mato Grosso é, desde há muito, objetivo diuturno de minhas cogitações e o manuseio contínuo dos estudos colhidos no solo dessa grande terra pelo sertanista Rondon e seus destemidos auxiliares do serviço do sertão, trouxe-me tanta familiaridade com a natureza fisionômica do território que, embora divisando pela primeira vez os rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá. Vim experimentando na viagem para cá, passo a passo, a mesma sensação dos que regressam para o torrão natal (Mattos, s/d).

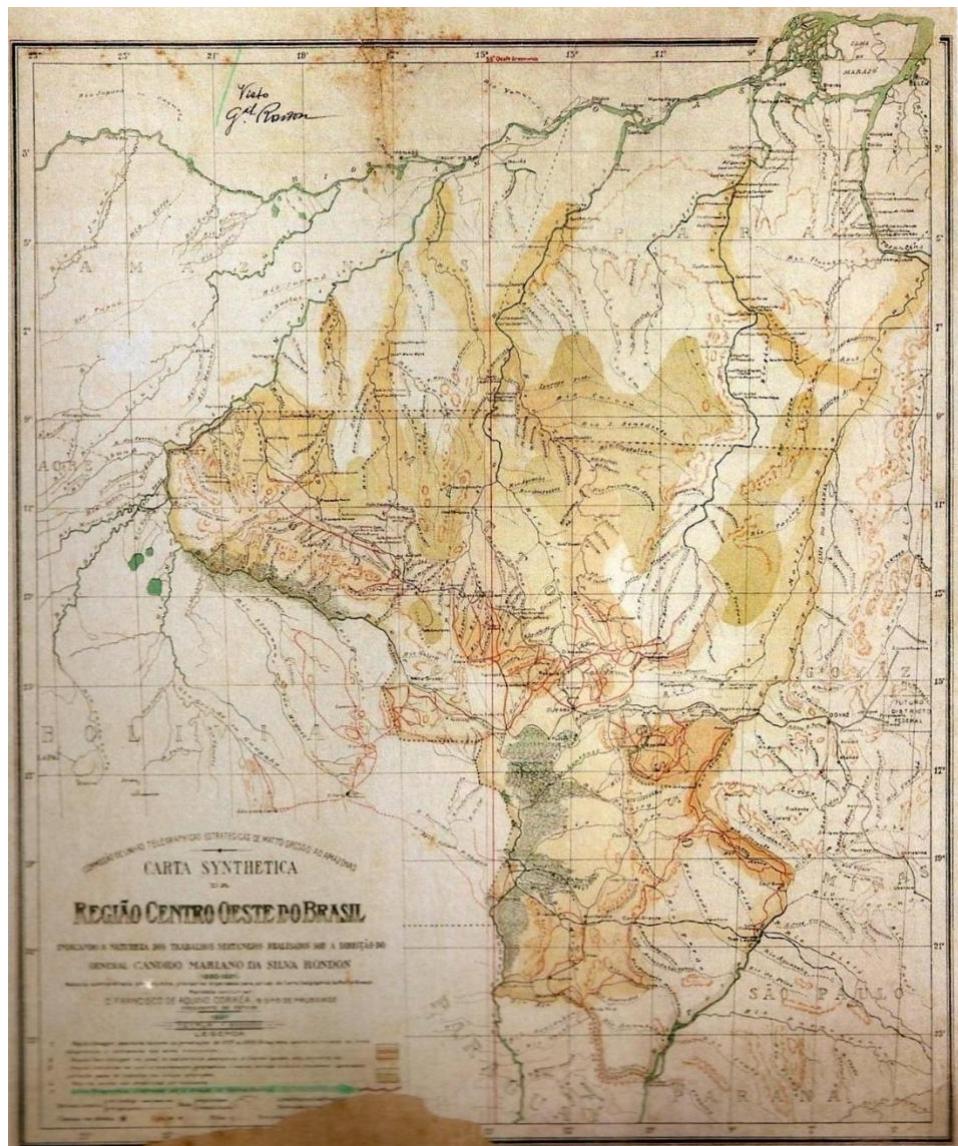
Sobre a ausência da carta geográfica na ocasião dos festejos, Jaguaribe afirmou:

(...) Veio depois Vossa Excelência com o propósito firme de fazer publicar a síntese gráfica dos estudos feitos no solo mato-grossense e eis-nos à fase atual. A Vossa Excelência foi mostrado que o problema estava ainda em gestação e o orçamento então apresentado comportava uma série de providências tendentes a apresentar uma boa solução. Vossa Excelência preferiu uma solução imediata, mais modesta, desenhando-se a carta com os recursos de campo acumulados até ali e assim já o teríamos feito se mais folgada houvera sido a situação econômica do estado para a execução do orçamento de urgência que o Coronel Rondon apresentou a Vossa Excelência. O atraso, porém, não foi grande e Vossa Excelência terá publicada até meados de 1920 a Carta do Estado de Mato Grosso laborada em 1919 e comemorativa do bicentenário da fundação de Cuiabá. Não era possível trazer aqui o original da carta do Estado de Mato Grosso que está sendo desenhado em escala de 1:1.000.000. Não era possível também trazer os estudos preparatórios, pois que isso importaria em fazer parar o trabalho com os desenhistas, que a cada momento consultam os borrões originais (...) (Mattos, s/d).

Jaguaribe fez um discurso corajoso, não poupando nem mesmo as autoridades locais presentes no evento. Algumas de suas colocações pareceram um tanto ácidas ao relatar que os recursos oriundos do governo de Mato Grosso foram insuficientes para a conclusão da carta em qualquer aspecto. Apesar disso, o auxílio financeiro para o mapa só foi concedido até maio de 1919.

Apesar dos atrasos, a comissão honrou, de alguma forma, o compromisso assumido e entregou uma “Carta Sintética da Região Centro Oeste do Brasil” (Figura 2), que indicava os trabalhos sertanejos realizados pela Comissão Rondon. Na legenda do mapa, é possível observar: “reduzida sumariamente dos conjuntos provisórios organizados para estudo da Carta Geográfica de Mato Grosso, mandada concluir por D. Francisco de Aquino Correa”.

Figura 2 – Carta Sintética da Região Centro Oeste do Brasil.



Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Outra ocasião que merece destaque sobre a apresentação da Carta Geográfica de Mato Grosso ainda estava por vir: a “Exposição do Centenário da Independência do Brasil (1922)”. Para tal evento, Rondon chegou a enviar Jaguaribe até Paris com o objetivo de finalizar e imprimir o mapa.

Havia um alinhamento da Comissão Rondon com a Missão Militar Francesa, presente naquele momento no Brasil. Dentro dessas circunstâncias, Gamelin, chefe da missão militar francesa, sugeriu a Rondon que a carta de Mato Grosso fosse impressa no *Service Geographique de l'Armée*, em Paris.

Sobre a Comemoração do Centenário da Independência do Brasil em 1922, vale ressaltar a contribuição de Francisco Jaguaribe para a elaboração da “Carta do Brasil ao Mneme. Revista de Humanidades. v. 27 n. 50 (Jan/Jun. 2025)

Milionésimo”. Para essa ocasião, o Clube de Engenharia do Rio de Janeiro recebeu, em 1916, a incumbência de produzir um mapa do Brasil na escala ao milionésimo. A ideia era compilar mapas de todo o Brasil, cedidos por diferentes instituições, a fim de produzir uma carta geográfica brasileira. O Brasil foi o único país da América Latina a conseguir entregar o seu mapa, seguindo à risca todas as convenções científicas do projeto “A Carta do Mundo”.

Ainda com o apoio da Missão Francesa, Jaguaribe retornou com sua família à França em dezembro de 1923, tendo por principal objetivo uma reforma quase total na elaboração cartográfica e no desenho, além da finalização e impressão da Carta de Mato Grosso nas dependências do *Service Géographique de l'Armée* (Arquivo do Museu do Índio – FUNAI, Microfilme 2B, fotograma 367). Durante esse período, Jaguaribe recebia, mesmo em Paris, material de campo com o intuito de adicionar novos dados ao mapa de Mato Grosso.

Pouco se sabe sobre o período de Jaguaribe em Paris. Algumas informações indicam que o cartógrafo se filiou à *Société de Géographie* em maio de 1930, último ano de sua estadia parisiense. A família residia na *Rue de la Cavalerie*, e Rondon continuava suas explorações – relativas às inspeções de fronteiras – enviando material para que o mapa fosse aperfeiçoado.

Francisco Jaguaribe regressou ao Brasil quando a Revolução de 1930¹⁴ levou Getúlio Vargas (1882-1954) ao poder e dissolveu todos os trabalhos relacionados à Comissão Rondon. No entanto, ele voltou a residir na Europa em 1932, após se posicionar contra o Presidente Getúlio Vargas durante a Revolução Constitucionalista, que visava à separação de São Paulo do restante do país. Em 1937, retornou ao Brasil.

AO OESTE E AVANTE: A FINALIZAÇÃO DA CARTA GEOGRÁFICA

A constituição de 1937 ocasionou uma forte centralização do poder estatal e marcou o início de um período de ditadura, chefiada por Getúlio Vargas, que perdurou até 1945. Temendo a ameaça separatista, ao mesmo tempo em que se beneficiava da mesma para justificar exercer um poder irrestrito, o regime ditatorial investiu na integração do território, visando também à ideia de unidade territorial no Brasil, e procurava respeitar as especificidades econômicas e geográficas de cada região (Diniz Filho, 1999, p. 134). Considerada uma área afastada, era de suma importância promover o povoamento das terras do Oeste brasileiro.

¹⁴ A Revolução de 1930 foi uma revolta organizada pelos estados do Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais, com o objetivo de derrubar a hegemonia política paulista na presidência do Brasil.
Mneme. Revista de Humanidades. v. 27 n. 50 (Jan/Jun. 2025)

O Brasil, sendo um país de dimensões continentais e grande diversidade regional, passou, no Estado Novo (como era chamada a ditadura de Getúlio Vargas) a idealizar o sertão, que passou a ser visto como a verdadeira origem da brasiliade (Souza, 1997). Nesse sentido, Vargas implementou políticas de integração territorial, fundamentadas na ideologia de unir nação e território. Dentre os programas criados, a Marcha para o Oeste é o que possui relações diretas com a Carta de Mato Grosso.

A Marcha para o Oeste foi lançada em 1938 com o objetivo de consolidar um país politicamente centralizado. O programa contou com o apoio da imprensa e obteve grande repercussão graças à máquina publicitária do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão responsável pela comunicação no governo Vargas, que transformou o Oeste em um novo eldorado. No caso de Mato Grosso, o periódico *O Estado de Mato Grosso*, embora tenha começado a circular em 27 de agosto de 1939, foi o jornal local a apresentar mais matérias sobre a marcha. Durante esse período, o jornal recebia grandes incentivos por parte do presidente Getúlio Vargas (Oliveira, 2007, p. 44).

Em um artigo para o “Boletim Geográfico”, Jaguaribe elencou medidas que promoveriam o avanço da região, começando por providências para tornar os rios navegáveis, fator que contribuiria para que Cuiabá se tornasse uma cidade central na logística sul-americana. Além das questões logísticas, o cartógrafo propôs uma revisão e sistematização do cadastro municipal, visando ao levantamento de construções, ruas e à configuração dos terrenos, com o objetivo de facilitar as desapropriações que, segundo Jaguaribe, seriam indispensáveis para o alargamento de ruas. No entanto, não é mencionado o que seria feito das pessoas que residiam nos locais a serem desapropriados. Aliás, embora o artigo, como sugere o seu título, tenha como foco a urbanização da cidade, em nenhum momento o povo cuiabano é mencionado.

Entre as sugestões, estão a criação de um jardim botânico especializado na flora mato-grossense, um Museu de História Natural, Arqueologia e História Geral de Mato Grosso, e um jardim zoológico, além da arborização artística das principais ruas, praças e jardins. Segundo o autor, o orçamento para as transformações deveria provir do próprio município, do estado, pois o desenvolvimento de Cuiabá beneficiaria Mato Grosso como um todo, e do governo federal, devido ao interesse nas bacias hidrográficas. Ele encerra seu artigo com uma lista minuciosa de árvores a serem plantadas, indicando o tipo de flor e o período de floração, de modo a garantir uma cidade florida durante todo o ano. Portanto, para Jaguaribe o embelezamento da cidade, a fundação de instituições científicas e uma

logística que fizessem de Cuiabá o “coração” do Brasil seriam os fatores que promoveriam o progresso da cidade progredir (Jaguaribe, 1958, p. 652).

Isto posto, fazemos a mesma pergunta de Philippe Lejeune (2008, p. 77): o autor não seria ele próprio um texto? Após algum tempo rastreando os passos do personagem, foi possível percebê-lo em seu artigo. Suas sugestões aparecem como um reflexo de seus interesses pessoais. A questão mais abordada, por exemplo, a hidrografia cuiabana, reflete um interesse que Jaguaribe cultivou ao longo de sua trajetória. Além de seus estudos sobre as bacias hidrográficas da América do Sul e de seu Plano de Viação Fluvial, elaborados nas décadas de 1930 e 1940, o cartógrafo participou do Primeiro Congresso de História Nacional, realizado em 1914 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde apresentou o trabalho “História do Rio Paraguay” (*Jornal do Comércio*, 07 de julho de 1914). Assim, a afeição por estudos sobre rios foi uma característica que o acompanhou desde cedo. Uma grande parte das suas sugestões também foi dedicada à fauna e flora, o que nos faz lembrar um traço marcante de sua personalidade, segundo sua família: o amor que ele sentia por plantas e animais. Jaguaribe era vegetariano em função de sua paixão pelos bichos, e sua casa na Gávea era vista como uma “floresta” pelos netos, devido à quantidade de plantas.

A partir do Estado Novo¹⁵ (1937-1945), nota-se um deslocamento na posição de Jaguaribe: o grau de importância do personagem no âmbito das atividades lideradas por Rondon foi bem maior. Ademais, em outros núcleos, o crescimento do cartógrafo também é perceptível: ele passou a representar o exército em congressos de Geografia, assumiu cargos mais elevados em associações geográficas e liderou expedições geográficas para a elaboração da Carta de Mato Grosso, ainda que de seu escritório. Contudo, não se pode naturalizar tal ascensão como um processo exclusivamente individual; é necessário assinalar a consolidação do campo geográfico no Brasil na década de 1930.

Desde jovem, Jaguaribe participou ativamente de associações e congressos de geografia. Assim, a partir do Estado Novo, quando o campo geográfico se tornou mais sólido, ele foi apontado nos jornais como um dos intelectuais que mais conheciam sobre geografia no Brasil. Um exemplo de seu prestígio está registrado em um relatório elaborado em nome da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro sobre a “Exposição Retrospectiva das Realizações do Exército no decênio 1930-1940” (Oliveira Júnior, 1951).

A iniciativa de realizar uma exposição sobre os feitos militares dos últimos dez anos partiu do então Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra (1883-1974). A exposição

¹⁵ Período que o Brasil foi governado de forma ditatorial por Getúlio Vargas.
Mneme. Revista de Humanidades. v. 27 n. 50 (Jan/Jun. 2025)

apresentava *stands* sobre diversos temas militares, mas a equipe em questão focou-se em dois especialmente: o *stand* do Serviço Geográfico e Histórico do Exército, sob a direção de José Antônio Coelho Neto (1881-1963)¹⁶ e o da Antiga Comissão Rondon (a efetivação institucional do SCCMT só ocorreria em 1941), sob a direção de Francisco Jaguaribe de Mattos, ambos diretamente relacionados à Geografia. Segundo o relatório:

a antiga e prestigiosa Comissão Rondon, sob a direção de Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, ocupando um salão ornado, relembrou ao público os frutos dos trabalhos efetuados no decorrer de sua existência benéfica e apresentou de maneira atraente, parte dos trabalhos confeccionados no último decênio, destacando os serviços cartográficos, astronômicos, históricos, etnológicos, fotográficos e cinematográficos (Oliveira Júnior, 1951).

Finalmente, após décadas desde que o SCCMT foi institucionalizado, no dia 21 agosto de 1952, o jornal *O Estado de Mato Grosso* noticiou que um exemplar da Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas havia sido impresso e submetido a um primeiro exame pelo então Ministro da Guerra, Ciro do Espírito Santo Cardoso (1898-1979), Rondon e Jaguaribe (*O Estado de Mato Grosso*, 21 de agosto de 1952). Durante a averiguação, também estavam presentes autoridades militares que se encontravam no Quartel General. O periódico ressaltou que o Ministério da Guerra havia sido o único financiador que nunca abandonou a assistência aos trabalhos de campo realizados para a Carta de Mato Grosso e que, naquela ocasião, o mapa se apresentava como um objeto enriquecedor da geografia nacional. No entanto, segundo relatório do CNPI, consta que ocorreram interrupções na verba fornecida por esse ministério (Arquivo do Museu do Índio – FUNAI, Relatório do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1949/1950, p. 402). A notícia também destacava que, na noite anterior, Jaguaribe e Rondon apresentaram o mapa a João Cleofas (1899-1987), então Ministro da Agricultura.

A recepção da notícia sobre a finalização do mapa foi amplamente divulgada na imprensa. Um dos jornais que mais destacou o mapa e a atuação de Jaguaribe foi o *Correio da Manhã*:

a Carta de Mato Grosso, agora impressa, representa um dos maiores empreendimentos brasileiros no setor das atividades sertanistas e geográficas. Os trabalhos tiveram início com as explorações do General Rondon (...) Foi o General Francisco Jaguaribe de Mattos quem dirigiu todo o trabalho técnico de elaboração e desenho da carta. Nesta, além do imenso

¹⁶ José Antônio Coelho Neto foi um militar, nascido no Rio Grande do Sul, que alcançou, ao longo de sua carreira, diversas atribuições. Entre elas, destaca-se sua participação como Chefe da Comissão da Carta Geral do Brasil (1907), da Comissão de Limites Brasil-Uruguai (1916) e do Serviço Geográfico Militar (1919). Em 1940, Coelho Neto era diretor do Serviço Geográfico e Histórico do Exército.

material coligido pelas expedições da Comissão Rondon, o General Jaguaribe considerado o mais erudito convededor da geografia brasileira, acumulou todo o saber geográfico pré-existente e enorme cópia de informações e dados pesquisados nos arquivos brasileiros e europeus (...) Dando ao país uma acurada carta de suas regiões centrais, o Ministério da Guerra não realiza apenas um trabalho de alto valor militar, mas possibilita, com a cartografia do terreno, o futuro desenvolvimento daquelas regiões (*Correio da Manhã*, 17 de agosto de 1952).

Em setembro de 1952, o mapa foi concluído. Como vimos, apesar de outrora ter existido a possibilidade de o mapa ter sido impresso na Europa, sua reprodução ocorreu em São Paulo, pela Cia Litográfica Ipiranga, conforme acordado em 1943. A carta é composta por um conjunto de nove folhas, cada uma medindo 88 cm x 78 cm, de modo que, quando colocadas lado a lado e ajustadas corretamente, atingem mais de quatro metros quadrados de informação cartográfica, ajustada à escala de 1:1.000.000, em projeção Policônica Americana. A Carta foi produzida em cores, sob o patrocínio dos Ministérios da Guerra e da Agricultura, além do governo de Mato Grosso, e teve uma tiragem de 3.000 exemplares em sua primeira e, possivelmente, única edição (Souza Lima Junior, 2011, p. 60).

Um entusiasmado Rondon, em seu discurso no dia da entrega da Carta de Mato Grosso, em setembro de 1952, relatou:

não haveria melhor, nem mais moderno documento para isto, baseamo-nos na carta de Pimenta Bueno para as nossas previsões e com ela em punho íamos penetrando até então virgens das caminhadas dos civilizados, o que nos permitiu o confronto da antiga carta com os dados que diretamente íamos colhendo em nossa travessia do vasto sertão... Não somente pudemos desta forma retificar inúmeros erros evidenciados nesse confronto, como também gozamos da oportunidade de anotar inúmeros acidentes geográficos que não constavam daquele mapa, magnífico para época que foi organizado (1880) (Arquivo do Museu do Índio – FUNAI, Microfilme 1C, fotogramas 4472 e 4484).

Sobre Jaguaribe:

a confecção da Carta de Mato Grosso foi confiada a um cartógrafo e geógrafo tenacíssimo, cujo nome é conhecido e acatado não apenas no Brasil, mas nos meios científicos europeus. Julgo ter ele conseguido o máximo que seria possível dentro das difíceis circunstâncias ocorridas. Peço ao Sr. Ministro que convide o General Jaguaribe de Mattos a descrever as características de seu monumental trabalho (Arquivo do Museu do Índio – FUNAI, Microfilme 1C, fotogramas 4472 e 4484).

Embora a carta tenha sido custosa e demorada para ser produzida, ainda continham vazios cartográficos preenchidos com o termo “inexplorado”. A feição topográfica mais destacada na Carta de Mato Grosso é a presença de “novos” rios e a correção de outros já

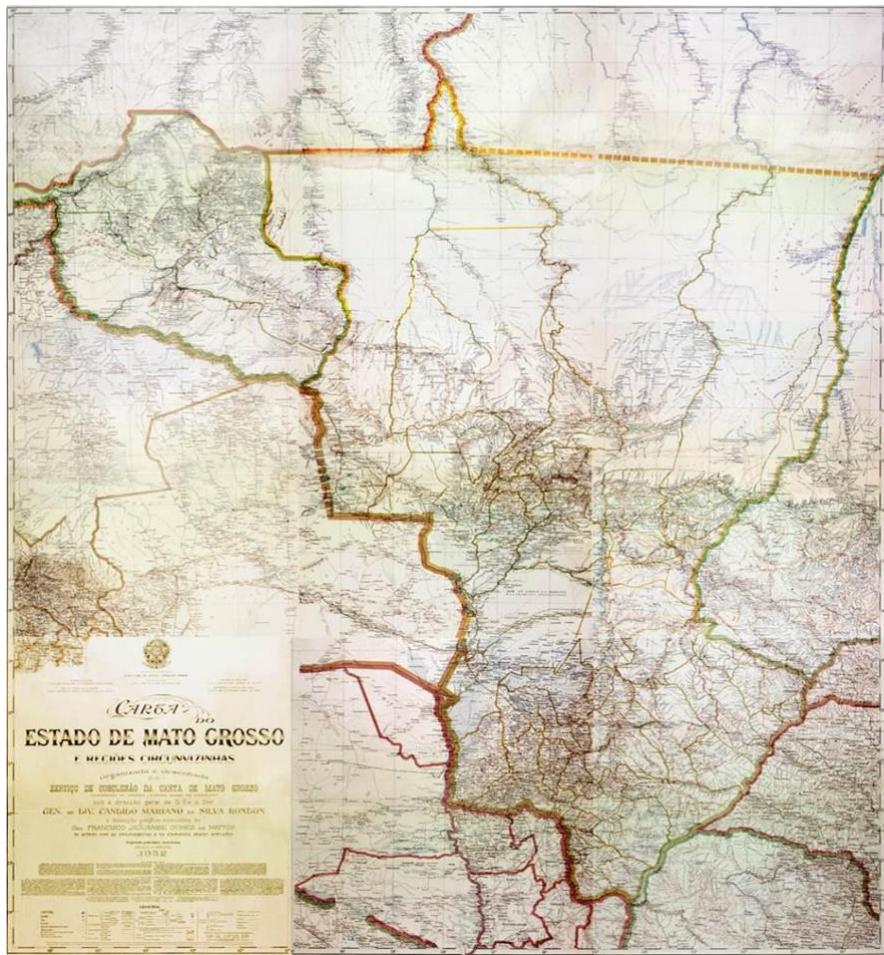
conhecidos, com suas respectivas nascentes, desembocaduras, afluentes e percursos. Podemos inferir que a questão hidrográfica há muito mobilizava a Comissão Rondon, um exemplo disso é a Expedição Roosevelt, além de inúmeros relatórios sobre levantamentos de rios. Além disso, o interesse de Jaguaribe sobre o tema era notório: nas duas expedições apresentadas aqui, em seu trabalho apresentado no III Congresso Internacional de História das Ciências e também em seu Plano de Viação Fluvial, publicado em março de 1949 na Revista do Clube de Engenharia, embora não tenha sido efetivado.

Outro ponto bastante relevante são as marcações de terras indígenas e postos do Serviço de Proteção ao Índio, fato que não surpreende quando pensamos nos últimos anos do SCCMT sob a tutela do Conselho Nacional de Proteção ao Índio, presidido por Rondon. Nesse sentido, é interessante refletir sobre como a Carta de Mato Grosso apresenta uma ambiguidade: por um lado, ela nos mostra um estado ávido por ser explorado; por outro, evidencia a preservação de terras indígenas, algo que também reflete seu autor.

Por isso, não é surpreendente (ou deveria ser?) o fato de o Conselho Nacional de Proteção aos Índios, onde 1/3 de sua verba era destinada ao SCCMT, ser subordinado ao Ministério da Agricultura. Afinal, o órgão que deveria proteger e preservar os indígenas e suas terras relacionado a interesses agrícolas é, no mínimo, contraditório.

Além disso, é importante mencionar que a carta também não ignorou os voos aéreos de reconhecimento do território realizados pela Fundação Brasil Central. Tais rotas estão sinalizadas no mapa. Também consideramos notório o capricho de Jaguaribe no que diz respeito ao desenho, tipo de letras e paleta de cores. A carta, embora tenha uma trajetória burocrática e cheia de altos e baixos, é essencialmente uma obra artística (Figura 3).

Figura 3 – Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas (montagem livre realizada por Daniel Lamas, a partir das nove folhas disponibilizadas pela Fundação Biblioteca Nacional).



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Uma vez que a carta foi publicada, várias palestras cujo objetivo central era apresentar o mapa foram ministradas por Jaguaribe. Um exemplo disso foi uma exposição, a convite da Sociedade Brasileira de Geografia (SBG), no auditório do Ministério da Educação, em novembro de 1953 (*Correio da Manhã*, 11 de novembro de 1953) (Figura 4). O evento contou com um público numeroso, incluindo representantes do presidente da república, vários ministros, autoridades civis e militares, professores, geógrafos e sertanistas. Jaguaribe começou a conferência elogiando os trabalhos de campo executados pela Comissão Rondon, destacando que todo o esforço de levantamentos e pesquisas havia sido aproveitado na Carta de Mato Grosso ao longo de mais de trinta anos. Além disso, ressaltou os nomes de Renato Rodrigues Pereira, Pedro Ribeiro Dantas, Manoel Rabelo e João Salustiano Lyra pelo grande valor de seus trabalhos, que permitiram que a Carta alcançasse uma alta precisão cartográfica.

Figura 4 – Jaguaribe em sua palestra realizada no Ministério da Educação, organizada pela Sociedade Brasileira de Geografia.



Fonte: *Diário Carioca*, 15 de novembro de 1952.

A questão dos rios também foi abordada, levando Jaguaribe a mencionar sua pesquisa sobre as bacias hidrográficas e o seu Plano Geral de Viação Fluvial, que, àquela altura, encontrava-se em tramitação no Congresso. Por fim, houve uma salva de palmas em homenagem ao mapa, a Jaguaribe e a Rondon, que não pôde comparecer em razão de sua avançada idade (*Correio da Manhã*, 16 de novembro de 1953). O teor das palestras realizadas na época era basicamente o mesmo, com a figura de Rondon sempre sendo lembrada e digna de grandes homenagens, incluindo a sugestão de Jaguaribe de que o nome do marechal deveria batizar um meridiano.

Em 1955, foi produzido o filme *Conclusão da Carta de Mato Grosso*. A película era exibida em palestras sobre a Comissão Rondon/Carta de Mato Grosso e eventos do CNPI. O filme, narrado por Marino Netto, apresenta o local onde funcionava o Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso, tendo Rondon e Jaguaribe como principais personagens, que aparecem agindo como se ignorassem o fato de estarem sendo filmados. Além de autoridades, também aparecem trabalhadores do SCCMT, incluindo Charlotte Sophie Rosenbawn, fotógrafa e cinegrafista. Ela foi a única mulher envolvida na produção da Carta de Mato Grosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território mencionado neste trabalho atualmente corresponde aos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte do estado de Rondônia. Além disso, a área possui grande diversidade natural, abrigando três biomas brasileiros: o Cerrado, a Amazônia e o Pantanal. Abriga cerca de 200 mil indígenas (Brasil, 2022) e, em sentido oposto, é uma das regiões que mais concentram latifúndios com monoculturas e pecuária. Alguns municípios possuem mais cabeças de gado do que habitantes. O mapa de Mato Grosso, ao longo de sua história, nos parece também um retrato de aspirações e promessas, tal como o Brasil.

A partir da exposição de sua trajetória, ampliou-se a visão sobre a própria Comissão Rondon e descortinou-se a faceta de um homem que dedicou sua vida à geografia. Não se trata de disputas em torno da memória da referida comissão, tampouco da fabricação um herói, mas sim de lançar outras perspectivas sobre a Comissão Rondon e dar espaço e reconhecimento aos demais integrantes. Enfatizamos que o objetivo deste trabalho não foi desconstruir o mito de Rondon, mas também compreender que ele não agia sozinho, tornando pública a ação de outros membros, sendo o foco desta pesquisa Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos.

No entanto, é extremamente relevante destacar que não foi por acaso que a imagem de Jaguaribe foi eclipsada pela figura de Rondon. Desde que ingressou na renomada comissão, o personagem optou por essa postura em relação ao marechal, mantendo-se à sombra durante décadas. Não acreditamos, tampouco defendemos, que o cartógrafo tenha sido ofuscado por Rondon. Para isso, a ausência de preocupação de Jaguaribe com a construção de uma memória própria ou o afastamento dos holofotes é evidente, ou seja, o oposto de Rondon. É provável que essa postura tenha sido fundamental para a relação de trabalho e amizade entre os dois.

Jaguaribe foi um intelectual muito presente na Geografia do Brasil na primeira década do século XX, falecendo em 1974, vítima de um acidente cardiovascular em seu apartamento em Copacabana.

REFERÊNCIAS

FONTES

A IMPRENSA. 10 de agosto de 1909.

ARQUIVO DO MUSEU DO ÍNDIO – FUNAI. Microfilme 1C, fotogramas 4472 e 4484. Mneme. Revista de Humanidades. v. 27 n. 50 (Jan/Jun. 2025)

ARQUIVO DO MUSEU DO ÍNDIO – FUNAI. Microfilme 2B, fotograma 367.

ARQUIVO DO MUSEU DO ÍNDIO – FUNAI. Microfilme 328.

ARQUIVO DO MUSEU DO ÍNDIO – FUNAI. Relatório do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1949/1950, p. 402.

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Carta Sintética da Região Centro Oeste do Brasil*. [imagem].

BIBLIOTECA DIGITAL LUSO BRASILEIRA. *Carta da Província de Mato Grosso, organizada em 1880 por Antônio Pimenta Bueno*. [imagem]. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/27464>. Acesso em: 14 set. 2023.

CONCLUSÃO da Carta de Mato Grosso. Filme: película (5 min. 05 seg.), 35 mm, p&b, 1 rolo. Brasil, 1955. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GMZq4ryDyjU>. Acesso em: 21 set. 2024.

CORREIO DA MANHÃ. 17 de agosto de 1952.

CORREIO DA MANHÃ. 11 de novembro de 1953.

CORREIO DA MANHÃ. 16 de novembro de 1953

CORREIO DO PAIZ. 25 de agosto de 1971.

DIÁRIO CARIOPA. 11 de novembro de 1952.

DIÁRIO CARIOPA. 15 de novembro de 1952.

DIÁRIO CARIOPA. *Jaguaribe em sua palestra realizada no Ministério da Educação, organizada pela Sociedade Brasileira de Geografia*. [imagem]. 15 nov. 1952.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 8 de agosto de 1965.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 22 de agosto de 1971.

ENCONTRO com Philip Roth – Biografia de uma Obra. Direção: Adrien Soland, François Busnel. França, 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. [imagem].

JORNAL DO COMÉRCIO. 8 de maio de 1914.

JORNAL DO COMÉRCIO. 07 de julho de 1914.

O ESTADO DE MATO GROSSO. 21 de agosto de 1952.

O ESTADO DE MATO GROSSO. 23 de setembro de 1971.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDINO, Maria Gabriela de Almeida. *Mapeando saberes: a trajetória de Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos (1910-1952)*. 2020. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

BIANCHINI, Odaléa da Conceição Diniz. *A Companhia Matte Laranjeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso (1880-1940)*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

BIGIO, Elias dos Santos. *Linhas telegráficas e integração de povos indígenas*: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930). Brasília: CGDOC/FUNAI, 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Panorama do Censo 2022*. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 21 set. 2024.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. pp

DINIZ FILHO, Luis Lopes. Centralização do poder e regionalismo: análise sobre o período do Estado Novo (1937-1945). *RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise* (UFPR), Curitiba, v. 3, n. 3, p. 187-200, 1999.

DOSSE, François. *O desafio biográfico*: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.

GALETTI, Lylia da S. Guedes. O Estigma da barbárie e a Identidade Regional. *Textos de História*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 48-81, 1995.

GALETTI, Lylia da S. Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil*: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. Cuiabá: Entrelinhas, EdUFMT, 2012.

JAGUARIBE, Beatriz; BERNARDINO, Maria Gabriela. A conclusão da Carta de Mato Grosso e os ideários do Brasil moderno. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 15, n. 1, p. 315-342, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/946/1058>. Acesso em: 30 jan. 2024.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau a internet. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. pp

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de Escala*: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 225-250.

MATTOS, Francisco Jaguaribe Gomes de. *A Comissão Rondon nas festas comemorativas do bicentenário de Cuiabá*. Oficinas Gráficas de “A política”. s/d.

MATTOS, Francisco Jaguaribe Gomes de. Curriculum Vitae do General de Brigada Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos. In: *Processo nº 1939 de 1963. Projeto de resolução n.º 46 de 27-5-63: concede o título de Cidadão Paulistano ao General Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, e dá outras providências [Em linha]*. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo - Seção de Protocolo, 1963. Disponível em: <http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1963/00/00/0D/BH/00000DBHS.PDF>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MATTOS, Francisco Jaguaribe Gomes de. Uma boa urbanização de Cuiabá como fator geopolítico do progresso de Mato Grosso. *Boletim Geográfico*, n. 153, nov.-dez., 1958.

OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues de. *O progresso na “marcha para o oeste”*: uma análise enunciativa na imprensa mato-grossense. Campinas: [s.n.], 2007.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio dos Santos. *A Comissão Rondon na Exposição Retrospectiva do Exército (transcrito da Revista da Sociedade Geografia do Rio de Janeiro - tomo XLVII - 1940)*. Departamento de Imprensa nacional, Rio de Janeiro, 1951.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.779-810, jul.-set. 2008.

SOUZA LIMA JUNIOR, Luiz Gustavo de. Em busca do acontecimento: uma leitura da Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas (1952). *Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, 2011.

SOUZA, Candice Vidal. *A pátria geográfica. Sertão e Litoral no pensamento brasileiro*. Goiânia: Ed. UFG, 1997.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Recebido em: 05 de setembro de 2024

Aprovado em: 21 de novembro de 2024